

Considerações acerca das noções foucaultianas de enunciado e discurso e sua produtividade para uma análise discursiva da moda

*Humberto Pires da Paixão**

*Kátia Menezes de Sousa***

Resumo

O presente artigo intenta uma revisão de algumas contribuições de Michel Foucault para a Análise do Discurso, considerando as noções de discurso e de enunciado e sua aplicação no campo da moda. Trata-se de um exercício de reflexão e de revisão teórica sobre alguns aspectos que permeiam a teoria discursiva, os quais podem subsidiar o nosso entendimento desse campo discursivo. Para tanto, abordamos tais conceitos nos escritos referentes à chamada fase arqueológica do autor, mas defendemos a hipótese de que se trata de um referencial que permeia toda a obra do filósofo francês.

Palavras-chave: Discurso. Enunciado. Formação Discursiva. Moda.

No princípio era...

Quando perguntado, certa vez, sobre o título de sua obra *O nome da rosa*, Umberto Eco teria respondido, como nos conta Araújo (2004), que um monge medieval dissera que, mesmo não havendo mais nenhuma rosa, é por meio da linguagem que podemos dizer, afirmar ou negar a sua existência. Sua afirmação leva a concluir que é pela linguagem que acessamos a realidade e é por ela que

* Doutorando da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Participante do grupo Trama: Laboratório de Estudos Discursivos. E-mail: paixao-humberto@hotmail.com

** Professora associada da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do grupo Trama: Laboratório de Estudos Discursivos. E-mail: km-sousa@uol.com.br

Data de submissão: 09/03/2017 – Data de aceite: maio 2017

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v13i2.6789>

podemos pensar; a linguagem seria, por assim dizer, esse elemento primeiro e último a partir do qual tudo se forma ou se transforma. Cogitemos outra hipótese: se é possível dizer que uma rosa existe ou não, ou mesmo se se trata de uma rosa ou de qualquer outra coisa, é não somente pela linguagem, mas também pela presença de algo anterior à linguagem, algo que a envolve e a faz existir: o discurso. Parafraseando o texto bíblico, diríamos que no princípio não era o verbo, mas sim... o discurso, sem o qual tudo seria vazio, pois ele é o que preenche, o que dá cor à existência das coisas. Mesmo as palavras: sem o discurso, seriam meros sons ou borrões de escrita sem sentido algum, pois o sentido, se é possível falar de sentido, com sentido ou sem sentido, se trata de um dado discursivo.

Uma ilusão não nos permite perceber as *nuances* dos discursos ou, por outro lado, faz-nos percebê-las por meio de ideias gerais, de forma que, se não as desconhecemos completamente, ignoramos sua diversidade e sua singularidade. Para Paul Veyne (2011, p. 24), pensamos normalmente através de clichês, de generalidades, e “[...] é por isso que os discursos permanecem ‘inconscientes’ para nós, escapam ao nosso olhar”. Daí a necessidade de um trabalho minucioso, que envolve linguagem e história, para trazer à tona o discurso. É esse trabalho de trazer à luz os discursos que foi denominado por Foucault como arqueologia (voltada ao saber) e genealogia (voltada ao poder).

O presente artigo tem, pois, como ponto de partida e de chegada, o que tem sido denominado de discurso. Trata-se de um exercício de reflexão e de revisão teórica sobre alguns aspectos que permeiam a teoria discursiva, que pode contribuir para que possamos entender seu funcionamento. Não se trata de uma revisão exaustiva, com pretensão de esgotar o assunto, mesmo porque não se esgota em tão poucas páginas/linhas assunto de tamanha grandeza. Para darmos conta dessa tarefa, nossa abordagem se alinha aos postulados da Análise do Discurso francesa (AD), influenciados pelas contribuições provenientes de Michel Foucault.

Em tempo: a AD é uma disciplina que emerge no cenário acadêmico francês, na conturbada década de 1960. Com paternidade creditada a Michel Pêcheux, trata-se de uma área do conhecimento que se formou a partir da intersecção de três campos distintos, a saber: a Linguística, a Psicanálise e a História. Dada sua natureza transdisciplinar e, ao mesmo tempo, multidisciplinar, os trabalhos em AD não se identificam com a descrição dos mecanismos internos da língua, mas na relação entre a materialidade linguística e o histórico, entendido como processo ininterrupto de produção de sentidos. Estabelece-se, então, não a língua como objeto de estudo, mas, em seu lugar, o discurso:

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É nesse “mais” que é preciso fazer aparecer o que é preciso descrever (FOUCAULT, 2009a, p. 55).

Para cumprir os propósitos do presente trabalho, reveremos, primeiramente, a teoria do discurso para, em seguida, concentrarmos-nos em seu elemento-base, o enunciado. Nosso principal intento é, sobretudo, (re)afirmar a importância dos postulados foucaultianos para a AD, bem como mostrar a atualidade e a eficácia de tal arsenal teórico no sentido de entender o funcionamento discursivo que nos enreda e nos constrói.

Indo ao encontro do discurso

De acordo com Paul Veyne, discurso é uma palavra mal escolhida por Foucault para nomear “[...] essa parte invisível, esse pensamento impensado em que se singulariza cada acontecimento da história” (2011, p. 31). Apesar de mal nomeado, segundo as considerações de Veyne, é possível dizer que o discurso permeia a obra do filósofo francês e, além de ser um tema central da teoria foucaultiana, é igualmente um instrumental teórico-metodológico de alta produtividade. Por mais que se afirme que Foucault tenha abandonado essa temática a partir de seus estudos na década de 1970, tal “abandono” é apenas num nível mais imediato, ou seja, no fundo,

o que ele continua fazendo, mesmo nas fases posteriores à arqueológica, é tratar do universo discursivo. Nesse sentido, valem estes esclarecimentos de Revel:

O aparente abandono do tema do discurso depois de 1971, em proveito de uma análise das práticas e das estratégias, corresponde ao que Foucault descreve como a passagem de uma arqueologia a uma “dinastia do saber” [...] Ora, esse deslocamento, que embaixa a passagem metodológica da arqueologia à genealogia, permite problematizar as condições do *desaparecimento* do “discurso”: o tema das práticas de resistência, onipresente em Foucault a partir dos anos 70, possui, na realidade, uma origem discursiva (2005, p. 38. grifo do autor).

Se se trata, entretanto, de uma palavra mal escolhida, de um termo inadequado, por que motivos teria Michel Foucault feito tal “escolha” lexical? O que o teria levado a nomear seu objeto teórico-metodológico de discurso? Parafraseando sua formulação acerca do enunciado: por que a emergência dessa terminologia e não outra em seu lugar?

Na tentativa de encontrar respostas a tais questões, é válido lembrar que, nos idos de 1960, o termo discurso estava, por assim dizer, na moda, levando diferentes vertentes de estudos acadêmicos a utilizar a alcunha “discurso” para nomear seus objetos de pesquisa. É nesse ínterim que ganha terreno estudar o discurso, esse “ingrediente extra” (POSSENTI, 2009) até então relegado a um segundo plano nos estudos da linguagem, cujo foco recaía sobre a imanência dos sistemas linguísticos. Isso não quer dizer que Foucault se encontrava ou se posicionava no interior dos estudos lin-

guísticos para o desenvolvimento de seus estudos, até porque seu problema, como ele mesmo afirma, não era de ordem linguística: “Diferentemente daqueles que são chamados de estruturalistas não estou tão interessado pelas possibilidades formais oferecidas por um sistema como a língua”. E continua ele, (re)afirmando o seu compromisso com o nível discursivo:

Pessoalmente, estou antes obcecado pela existência dos discursos, pelo fato de as palavras terem surgido [...], pois meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, a existência acumulada dos discursos (FOUCAULT, 2008, p. 72).

No entanto, há que se considerar que a linguagem há tempos vinha – e ainda continua – sendo objeto de investigação de áreas diversas, como a Filosofia e a História; além disso, deve-se levar em conta também que, com a projeção alcançada pelo estruturalismo europeu, especialmente na França, e estando a ciência da linguagem na linha de frente dos estudos pautados nessa corrente de pensamento, havia uma necessidade de se posicionar com/contra tal perspectiva. É nessa direção, isto é, na busca por respostas que justifiquem o vocabulário utilizado por Foucault, especialmente no que diz respeito ao termo discurso, que Veyne esboça as seguintes possibilidades de explicação:

Uma [explicação] é heurística: Foucault trabalhou em primeiro lugar e principalmente a partir de textos [...]; ele não sabia, no começo, para onde ia, deve ter acreditado inicialmente que seu problema era linguístico e quis manter-se o mais próximo possível dos fatos, que eram fatos escritos. Além

disso, não queria poder ser levado de volta a um dos grandes problemas consagrados da filosofia; não por afetação, mas porque seu positivismo profundo fazia com que temesse tudo o que podia parecer metafísico. Ele usou, portanto, um vocabulário próprio, e não termos técnicos da filosofia. Outra explicação está no fato de que tentou, para ser compreendido e adotado, situar-se o problema do momento, que era linguístico (VEYNE, 2011, p. 64).

Reiteramos que a noção de enunciado/discurso é central nos escritos foucaultianos relativos à sua *Arqueologia*, mas, na verdade, não somente aí essa centralidade se faz presente, pois tal conceito também aparece, mesmo que de forma mais discreta, em obras e pesquisas posteriores, como na *História da sexualidade I*, obra em que Foucault, contrapondo-se a uma hipótese repressiva, explicita uma outra visão a respeito dos três últimos séculos, afirmando que, nesse ínterim, houve uma verdadeira explosão discursiva a respeito do sexo. Segundo ele, pode ser que tenha havido uma “polícia dos enunciados”, bem como um “controle das enunciações”, ou seja, toda uma “economia restritiva” que se integra na política da língua e da palavra que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica. Entretanto, no nível discursivo, o que houve foi uma verdadeira proliferação dos discursos sobre o sexo, uma “multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder” (FOUCAULT, 1999, p. 22). Também em sua aula inaugural no *Collège de France*, em 02 de dezembro de 1970, intitulada *A ordem do discurso*,

o tema central, como sugere o título, é o próprio *discurso*, e, numa espécie de referência irônica à situação, fala de um desejo e de um medo que surgem perante o discurso. Essa situação paradoxal e inquietante move Foucault a refletir sobre as relações entre o discurso e o poder, como uma espécie de desdobramento e/ou avanço do que havia sido feito em seu trabalho até então.

Os empreendimentos foucaultianos, na denominada fase arqueológica, sem deixar de lado questões relativas ao poder,

[...] têm como foco central as relações de saber, de produção de conhecimento, as práticas de enunciação que “dizem”, constituem sujeitos (PRADO FILHO, 2006, p. 29).

Em sua obra *A arqueologia do saber* (2009a), Michel Foucault se volta para os regimes de produção dos discursos, do saber verdadeiro enquanto construto e das práticas discursivas presentes na sociedade. Daí que a episteme seja o campo de análise arqueológica, uma vez que, na perspectiva foucaultiana, ela é um dispositivo estritamente discursivo. O foco principal da arqueologia é, pois, o discurso, tomado não somente como objeto, mas também como um método de análise. No entanto, como bem lembra Prado Filho (2006), não se trata de observá-lo em sua forma ou seu conteúdo, seus aspectos linguísticos e/ou seus significados, isto é, de seu próprio interior, mas de seu exterior, indagando sobre sua emergência num certo momento histórico. Para que se possa proceder à individualização de um discurso – como,

por exemplo, o discurso da moda –, questionar-se-ia a que regras de produção estaria sujeito, qual seria seu regime enunciativo, quais seriam seus modos de enunciação, que suportes encontraria, que antagonismos enfrentaria num campo discursivo. A análise, em princípio, faz emergirem discursos e não a confirmação de discursos pré-existentes.

Foucault, a propósito dessas famílias de enunciados chamadas de discursos, que se impõem a nosso hábito e impregna as coisas, indaga-se em que pode fundar sua unidade ou de que são constituídos esses elementos que recebem tal denominação. Como resposta, diz ele que sua unidade não deve ser buscada no objeto a que se refere, como também não pode ser presidida por uma forma de encadeamento, um modo constante de enunciação ou um “estilo”, além disso, não pode ser apreendida em um sistema fechado de conceitos nem na presença de um mesmo tema. Os discursos são uma dispersão ou se encontram – e por isso devem ser apreendidos – em uma dispersão. Nessa perspectiva, fazer uma análise discursiva é encontrar a lei que rege essa dispersão:

[...] em lugar de reconstituir *cadeias de inferência* (como se faz frequentemente na história das ciências ou da filosofia), em lugar de estabelecer *quadros de diferenças* (como fazem os linguistas), descreveria *sistemas de dispersão* (FOUCAULT, 2009a, p. 43, grifo do autor).

No rastro de Foucault, pode-se também questionar acerca da finalidade de uma tal análise ou dos objetivos da

descrição de uma dispersão toma para si. Obviamente, seu propósito consiste em fazer emergir essa *differentia ultima* (VEYNE, 2011) chamada discurso e, assim procedendo, desnaturalizar e desmitificar objetos tidos como evidentes. Para tanto, procura-se estabelecer regularidades – e não unidades, frise-se bem – que funcionem como lei da dispersão, ou formar sistemas de dispersão entre os elementos. Em poucas palavras, “[...] trata-se de formular regras capazes de reger a formação dos discursos” (MACHADO, 2009, p. 146), que não são regras que brotam, por assim dizer, do interior de um indivíduo ou de um sistema jurídico-legal, e que servem para construir bons e belos enunciados. São as chamadas “regras de formação”, isto é, as condições de existência¹ de um discurso que operam em níveis diversos:

a) no nível dos objetos:

definir um conjunto de enunciado [...] não consiste em individualizar seu objeto, em fixar sua identidade, em descrever as características que ele conserva permanentemente; ao contrário, é descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles – em outros termos, formular sua lei de repartição (FOUCAULT, 2008, p. 99).

Assim, um enunciado tem um “objeto discursivo” que não diz respeito a um estado de coisas visado, mas que deriva do próprio enunciado: “É um objeto derivado que se define precisamente no limite das linhas de variação do enunciado como função primitiva” (DELEUZE, 2005, p. 19).

b) no nível dos tipos de enunciação:

[...] a unidade do discurso [...] não é uma forma determinada de enunciados, mas [...] a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; é o sistema que rege sua repartição, a confirmação que eles adquirem uns a partir dos outros, a maneira pela qual eles se implicam ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de sua emergência, de sua disposição e de sua substituição (FOUCAULT, 2008, p. 101).

c) no nível dos conceitos: se trata não de analisar os próprios conceitos em busca de uma “arquitetura dedutiva” que os uniria ou lhes daria unidade, mas de buscar as regras de formação dos conceitos, regras ou que permitem fazer aparecer “[...] esse feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual” (FOUCAULT, 2009a, p. 66), ou que permitem relacioná-los em um sistema comum. Esse sistema de formação dos conceitos – situado de certa forma num nível pré-conceitual – deve dar conta da emergência simultânea e sucessiva de conceitos dispersos, heterogêneos e até mesmo incompatíveis, que descrevem

[...] não as leis de construção interna dos conceitos, não sua gênese progressiva e individual no espírito de um homem, mas sua dispersão anônima através de textos, livros e obras (FOUCAULT, 2009a, p. 66).

d) no nível das estratégias (de temas e teorias): a presença de uma estratégia determinada não é suficiente para individualizar um discurso, isto é, trata-se de definir um sistema de relações entre estratégias distintas que seja capaz de sua formação:

[...] uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam [...] de um mesmo jogo de relações (FOUCAULT, 2009a, p. 76).

Esses quatro critérios permitem a individualização de unidades discursivas, que se configuram a partir de “um sistema regrado de diferenças e dispersões” (FOUCAULT, 2009a, p. 106). Tal sistema, chamado por Foucault de positividade, rege o que ele denomina como sendo uma formação discursiva:

[...] quando, em um grupo de enunciados, é possível observar e descrever *um* referencial [relativo aos objetos], *um* tipo de defasagem enunciativa [relativo aos tipos de enunciação ou estilo], *uma* rede teórica [relativa aos conceitos], *um* campo de possibilidades estratégicas [relativo aos temas e teorias], pode-se então estar seguro de que eles pertencem ao que se poderia chamar de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2008, p. 106, grifo do autor).

Para Foucault, está-se diante de uma formação discursiva (FD) quando for possível, em um certo conjunto de enunciados, descrever um sistema de dispersão a partir dos elementos apontados por ele (objetos, modalidades enunciativas, conceitos, temas). Sem nos alongarmos muito nesse tópico, vale dizer que a noção de FD, conduzida para o interior da AD francesa, via Courtine, é decisiva para parte das mutações dessa disciplina e, segundo Maldidier, “Michel Pêcheux havia emprestado este sintagma a Foucault, para o reformular no terreno

do marxismo, colocando-o em relação à ideologia” (2003, p. 52).

Como mencionado, o que Foucault denomina como “regras de formação” dizem respeito às condições de existência dos quatro tipos de elementos, sendo tais regras definidoras da identidade de uma formação discursiva. Tomando o discurso como “[...] um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação [...]” (FOUCAULT, 2009a, p. 122) ou “[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva [...]” (FOUCAULT, 2009a, p. 132), entende-se que a análise de uma formação discursiva deve levar em conta, necessariamente, a descrição dos enunciados que a compõem, tendo como norte as “regras de formação” nos diferentes níveis responsáveis pela determinação dos elementos que compõem o discurso. É o que propõe Courtine neste entrecruzamento de preceitos foucaultianos e pecheutianos:

Se aproximarmos essas formulações [sobre sistema de formação dos enunciados] daquelas de Pêcheux, evidencia-se que tal sistema de formação funcionando como regra refere-se “ao que pode e deve ser dito” por um sujeito falante, a partir de um lugar determinado e em uma conjuntura no interior de uma FD, sob a dependência do interdiscurso desta última. O nível de um “sistema de formação” faz com que a constituição da “matriz de sentido” seja inerente a uma FD determinada no plano dos processos históricos de formação, reprodução e transformação dos enunciados no campo do arquivo (COURTINE, 2009, p. 83).

A análise dos diferentes níveis mostra que falar de discurso é falar de relações

discursivas, de “[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra” (FOUCAULT, 2009a, p. 82). Daí que pensar *com* Foucault ou *a partir de* Foucault é necessariamente pensar em relações ou, mais precisamente, em relações discursivas, que conduzem a regularidades discursivas.² O ponto importante da análise, como confirma Roberto Machado, “[...] é que as regras que caracterizam um discurso como individualidade se apresentam sempre como um sistema de relações” (2009, p. 148) – sejam elas entre objetos, tipos de enunciação, conceitos, estratégias. Dessa forma,

[...] enquanto se processam emergências e transformações, na medida em que se estabelece a regularidade da relação, o sistema permanece com características que permitem individualizá-lo (MACHADO, 2009, p. 148).

É importante que se diga que esses quatro níveis se articulam entre si, formando um sistema único. Não há justaposição ou mesmo autonomia absoluta de um deles, mas um sistema de dependência, em que um nível sempre depende do outro em sua formação. Isso não significa que, em uma análise, um desses níveis não possa ser privilegiado em relação aos demais. Como analista de práticas discursivas, diante do material a ser analisado, Foucault, empenhando-se em tratar os discursos não na qualidade de documentos, mas de monumentos, dirigiu suas pesquisas em função não de regularidades linguísticas ou de qualidades relativas a quem disse ou escreveu

algo, mas em consonância com o que lhe exigiam as próprias práticas:

Na *Histoire de la folie*, [...] o problema era a emergência de todo um conjunto de objetos muito enredados e complexos; tratava-se de descrever, antes de tudo, a formação desses objetos para demarcar, em sua especificidade, o conjunto do discurso psiquiátrico. Na *Naissance de la clinique*, o ponto essencial da pesquisa era a maneira pela qual se modificaram, no fim do século XVIII e início do XIX, as formas de enunciação do discurso médico [...]. Finalmente, em *Les mots et les choses*, o estudo se referia, em sua parte principal, às redes de conceitos e suas regras de formação (idênticas ou diferentes), tais como podiam ser demarcadas na gramática geral, na história natural e na análise das riquezas (FOUCAULT, 2009a, p. 72).

Tratando da individualização de discursos, seja na fase arqueológica, seja na genealógica, Foucault nos propicia pensar que a verdade, a loucura, a sexualidade, enfim, o que quer que tomemos como objeto (de pesquisa), como a moda, por exemplo, não é um espelho da realidade, não reflete tal qual uma figura especular o que se encontra dado numa dada realidade – mesmo porque o que chamamos de realidade também em grande medida é uma construção. O objeto não pode ser separado das “molduras formais” (VEYNE, 2011) que o enreda e o impregna, mas que, ao mesmo tempo, nos permite conhecê-lo. Sexualidade, loucura, moda, são coisas que existem sim. Entretanto “[...] só atingimos uma coisa em si por meio da ideia que dela formamos a cada época [...]”, ou seja, “[...] não podemos separar a coisa em si

do ‘discurso’ por meio do qual ela está cingida em nós” (VEYNE, 2011, p. 23).

Vale aqui retomar uma intrigante metáfora que Paul Veyne (2011) lança mão para explicar/descrever o discurso. Em seu entendimento, os discursos são aquários falsamente transparentes nos quais estão encerrados os indivíduos, sendo que tais indivíduos, além de não percebê-los, ignoram até mesmo o fato de que eles existem. Como se vê, essa metáfora se aproxima da proposta pecheutiana para a noção de formação discursiva como sendo

[...] aquilo que [...] determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc) (PÉCHEUX, 2009, p. 147).

s discursos sofrem, portanto, variações ao longo do tempo e, apesar de ignorados por aqueles que se encontram em seu interior, a cada época se passam por verdadeiros. De modo que

[...] a verdade se reduz a um *dizer verdadeiro*, a falar de maneira conforme ao que se admite ser verdadeiro e que fará sorrir um século mais tarde (VEYNE, 2011, p. 25).

Nesse sentido, podemos tentar compreender os contornos que dão forma ao discurso da moda, pois, não raro, o riso brota ao olharmos retrospectivamente e vemos o que foi usado em épocas passadas. Isso nos convida, num primeiro momento, a refletir sobre esse verdadeiro de uma época, esse dizer verdadeiro de um determinado tempo, fruto do emaranhado de discursos que tomam lugar num período e que nos faz agir,

pensar, comportar-se de determinada forma, mas que, no momento seguinte, passa a ser alvo de riso ou mesmo de embaraço. Em seguida, isso nos leva a cogitar alguns questionamentos: I) o que faz com que determinado item, certo acessório, uma cor, um comportamento sejam alçados a um nível considerado como “dentro da moda”? II) que posição deve assumir o sujeito no discurso para, tomando seu lugar, fazer com o que diz possa ser tido como verdadeiro? III) que objeto é esse, denominado moda, que promove a sujeição dos indivíduos aos seus preceitos?

Como próprio de seu funcionamento, a moda agrupa ou inclui, mas também exclui, separa, distancia, isto é, como resultante dos atravessamentos que lhe dão existência, há uma contradição inerente ao seu movimento discursivo. O discurso que faz existir a moda compõe esse dizer verdadeiro de uma época e, como aquário, encerra indivíduos em seus limites. A Figura 1 ilustra esse funcionamento do discurso da moda: ao apresentar outro lado do que convencionalmente é denominado como sendo da/estando na “moda”, o *blog* O que o povão usa?³ mostra curiosas aproximações entre o que as pessoas cotidianamente utilizam e o que se vê em passarelas do mundo *fashion*.

Nascidos em conjunto com a emergência de uma nova cultura virtual, por meio da difusão da *web 2.0*, os *blogs* foram apropriados por profissionais de distintas áreas, e sua versatilidade fez com que fossem utilizados também por pessoas li-

gadas ao âmbito da moda ou interessadas nele e, entre elas, alcançassem grande sucesso. Os *blogs* de moda não só estão na moda como vêm criando moda. Em sua grande maioria, os/as blogueiros/as postam (o verbo é uma apropriação do inglês *post*) com certa frequência, diária ou não, o que eles chamam de “*look* do dia”. Entretanto, há aqueles/as que seguem caminho distinto, reagindo contra as chamadas “tendências” ou mesmo buscando novos parâmetros para uma redefinição do que convencionalmente é chamado de moda.

Na Figura 1, percebe-se uma considerável similaridade entre o que vestem os modelos nas passarelas e o que as pessoas comuns utilizam em seu dia a dia.

Figura 1 – O que o povão usa

sexta-feira, 24 de setembro de 2010

O que o povão usa + Trend Coffee: Crash de Estampas



Fonte: *blog* O que o povão usa? (2010).

Na postagem, o blogueiro comenta que o “*crash* de estampas”, isto é, essa mistura de padronagens, é algo comum nas ruas e também nos desfiles, nos editoriais de moda em revistas, no trabalho de estilistas. Isso faz pensar que, em consonância com a teoria/prática do discurso, as características que particularizam o discurso da moda, além de dissimularem, na transparência de sentido que nele se forma, a contradição que lhe é inerente (PÊCHEUX, 2009), fazem com que, a partir de determinados lugares enunciativos e de características atribuídas à própria enunciação – quem pode tomar a posição sujeito no discurso e enunciá-lo de maneira que seja tomado como verdadeiro –, um elemento *x* seja considerado *cool* (de bom gosto) e outros não, ou que entre duas vestimentas, apesar de sua relativa proximidade, uma esteja na moda (*in*) e outra não (*out*). Em outros termos: o liame do que seja moda se mostra bastante frágil, levando a pensar que, para dar os contornos e a sustentação necessários para se estabelecer como tal, o discurso da moda se ampara em saberes, frutos de enunciados diversos e heterogêneos, passíveis de serem observáveis em diferentes manifestações deste discurso,⁴ como exemplificado pela Figura 1.

Em resumo, para a AD francesa, tomar o discurso da maneira como o entende Foucault significa repensar objetos e práticas, desmitificando-os ou desnaturalizando-os, isto é, demonstrando-os como resultado de um processo

linguístico-histórico. A arqueogenealogia foucaultiana nos permite o estudo de objetos teóricos não sedimentados na academia, como é o caso da moda. Apesar de a AD ter feito durante certo tempo “pouco caso do trabalho de Foucault” (COURTINE, 2009, p. 81), não durou muito para que, mesmo diante da constatação de que o objetivo e o objeto da AD e da arqueologia/genealogia divergissem consideravelmente (COURTINE, 2009), se pudesse entender que “[...] reler Foucault não é ‘aplicá-lo à AD, é trabalhar sua perspectiva no interior da AD” (COURTINE, 2009, p. 82). Assim, tal “transposição” responde a uma necessidade de cruzar questões de ordem linguística e de ordem histórica: “[...] integrar ao trabalho histórico uma perspectiva de análise dos discursos que leva em conta a materialidade da linguagem dos mesmos” (COURTINE, 2013, p. 56) e assim poder desnudar a singular estranheza que caracteriza os discursos.

O enunciado *is the new black*

Antes de prosseguirmos, há que se mencionar a existência de um certo déficit – nos primeiros momentos da AD (e até hoje?) – no que diz respeito a uma concepção especificamente discursiva do enunciado, uma vez que “[...] essa noção somente recebe, com efeito, uma acepção vaga ou empírica, que a subordina à problemática da língua” (COURTINE, 2009,

p. 84), designando apenas a realização de uma frase em superfície discursiva. Com a importação da perspectiva foucaultiana para o âmbito da AD, o enunciado é colocado em funcionamento sob uma perspectiva discursiva, isto é, no nível do efetivamente dito, e sua descrição “[...] põe em jogo a questão central para a AD da relação entre a materialidade da língua e a materialidade do discurso” (COURTINE, 2009, p. 85).

Em seus trabalhos, Foucault provoca um deslocamento da noção de enunciado como a entende certa parte da ciência linguística, apreendendo-o em sua abrangência constitutiva, o que equivale dizer que sua condição de existência, apesar de materialmente marcada, não o torna um problema, digamos assim, eminentemente linguístico. Nesse sentido, sentencia Foucault (2009a) que é inútil procurar o enunciado junto aos signos, uma vez que:

Ele não é nem sintagma, nem regra de construção, nem forma canônica de sucessão e de permutação, mas sim o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e essas formas se atualizem (FOUCAULT, 2009a, p. 99).

Ao se ocupar dos enunciados, o “novo arquivista” não só não tratará daquilo que era o foco da atenção de outros arquivistas (proposições e frases), como também refutará a verticalidade das proposições (dispostas umas sobre as outras) e a lateralidade das frases (em que cada uma parece responder a outra). Isso para que possa tratar dessa massa de enunciados:

Móvel, ele [o enunciado] se instalará numa espécie de diagonal, que tornará legível o que não podia ser apreendido de nenhum outro lugar (DELEUZE, 2005, p. 13-14).

Parece então que é muito difícil, metodologicamente falando, ater-se ao nível dos enunciados, daquilo que efetivamente é dito. Tal dificuldade, como explica Deleuze, se faz visível “[...] até mesmo (e sobretudo) na linguística, cujas unidades nunca são do mesmo nível que o que é dito” (DELEUZE, 2005, p. 26). A dificuldade de compreender o *modus operandi* do enunciado reside, pois, em compreender que ele não é lateral nem vertical, mas transversal, isto é, ele atravessa campos diversos em sua singular existência:

As proposições remetem verticalmente a axiomas de nível superior, que determinam as constantes intrínsecas e definem um sistema homogêneo [...] Quanto às frases, elas podem ter um de seus membros num sistema, outro em outro sistema, em função de variáveis exteriores. Bem diferente é o que se passa com o enunciado: ele é inseparável de uma variação inerente pela qual nunca estamos em um sistema, jamais paramos de passar de um sistema ao outro (mesmo no interior de uma mesma língua). O enunciado não é lateral nem vertical, ele é transversal, e suas regras são do mesmo nível que ele (DELEUZE, 2005, p. 17).

Na busca por respostas sobre o que é o enunciado ou como uma teoria enunciativa pode se ajustar à análise das formações discursivas, Foucault trabalha no sentido de definir enunciado, caracterizar a função enunciativa e teorizar sobre a descrição dos enunciados. Diferenciando-se das unidades que

articulam os respectivos objetos da lógica, da gramática, ou da Escola Analítica, o enunciado, para ser tomado como tal, precisa se constituir como um conjunto de signos em função enunciativa, isto é, há uma relação que envolve sujeitos, história e a própria materialidade, daí que ele emerge das relações com outros enunciados, num exercício constante de ir e vir que se apoia fundamentalmente no elemento histórico. Assim como certos itens de moda que vão e voltam, também eles emergem aqui, ali ou acolá, são raros e dependem de uma série de condições, cabendo ao analista proceder a

[...] uma descrição história, mas que não pergunta pelo sentido secreto dos enunciados e sim o que significa o fato de terem aparecido e nenhum outro em seu lugar na evidência da linguagem efetiva (GREGOLIN, 2004, p. 34).

Em sua *Arqueologia*, propondo uma reflexão ou mesmo um debate acerca desse átomo do discurso, toma-o como a unidade elementar, que, à primeira vista, aparece como sendo esse elemento último e indecomponível,

[...] suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos (FOUCAULT, 2009a, p. 90).

E acrescenta, marcando a diferença dos enunciados em relação a outras formulações e, ao mesmo tempo, ensinando a lidar metodologicamente com eles:

Não é preciso procurar no enunciado uma unidade longa ou breve, forte ou debilmente estruturada [...]. Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2009a, p. 98).

Para Foucault, é essa função – essa função enunciativa – que é preciso descrever. E isso justamente porque, se os enunciados se diferem de palavras, frases e proposições,

[...] é porque eles englobam, como seus derivados, tanto as funções de sujeito como as de objeto e de conceito. Precisamente: sujeito, objeto, conceito são apenas funções derivadas da primitiva ou do enunciado (DELEUZE, 2005, p. 20).

No texto, essa espécie de ensaio para a sua *Arqueologia*, intitulado *Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao círculo de epistemologia* (2008), Michel Foucault, delimitando diferenças entre a descrição/análise do discurso e a análise do pensamento, propõe que:

[...] a análise do discurso tem uma finalidade completamente diferente [da análise do pensamento]: trata-se de apreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar da maneira mais justa os seus limites, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados

aos quais ele pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação ele exclui [...]. A questão própria da análise do discurso poderia ser formulada da seguinte maneira: qual é essa irregular existência que emerge no que se diz – e em nenhum outro lugar? (FOUCAULT, 2008, p. 93).

Um dos tópicos elementares da teorização foucaultiana acerca do enunciado é justamente essa função que lhes é própria e os difere de outras unidades formais. Deleuze (2005) entende que os enunciados de Foucault são como sonhos, cada um tendo seu objeto próprio ou se cercando de um mundo (DELEUZE, 2005, p. 20). Entretanto, indagamos que, se tal aproximação com o universo onírico procede, isso se deve, no limite, a essa função enunciativa que lhe é característica e que, por sua vez, caracteriza-se por: a) uma relação enunciativa (ou um campo de objetos), isto é, o tipo de relação que um enunciado apresenta com o seu suposto correlato, uma vez que Foucault diz que não há um referente para os enunciados, mas sim um “referencial”; b) uma posição do sujeito, que, à moda foucaultiana, trata-se de uma função-sujeito; c) um domínio associado (ou campo adjacente), já que um enunciado “tem sempre margens povoadas de outros enunciados” e, por isso, não é livre, neutro e independente (esse domínio associado não deve ser confundido com o que se entende por contexto); d) uma existência material, uma vez que o enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material que é constitutiva do próprio enunciado.

Dessa forma, é possível pensar a análise discursiva como uma busca para que se possa determinar por que emergiu certo enunciado e não outro em seu lugar, ou seja, busca estabelecer “uma lei de raridade”, uma vez que nem tudo é sempre dito e que, “[...] por serem raros os enunciados, recolhemo-los em totalidades que os unificam e multiplicamos os sentidos que habitam cada um deles” (FOUCAULT, 2009a, p. 136). Raridade e não originalidade, já que não se necessita ser original para produzi-los.

No lugar do par originalidade/origem, entra em cena outra característica dos enunciados: a repetibilidade. Se uma frase pode ser reiniciada ou reevocada, se uma proposição pode ser reatualizada, entretanto, só “o enunciado tem a particularidade de poder ser repetido” (FOUCAULT, 2009a, p. 118). O enunciado – ou multiplicidades, em termos deleuzianos – é em si mesmo repetição, mas essa repetição se dá sempre em condições estritas:

É preciso que haja o mesmo espaço de distribuição, a mesma repartição de singularidades, a mesma ordem de locais e de posições, a mesma relação com um meio instituído: tudo isso forma para o enunciado uma “materialidade” que o faz repetível (DELEUZE, 2005, p. 22).

Isso tudo acaba, por assim dizer, desembocando naquilo que o novo arquivista tomará como ponto de chegada/de partida: a noção de arquivo. Segundo o autor d’*A arqueologia do saber*, o arquivo pode ser definido como “[...] o sistema que rege o aparecimento dos enunciados

como acontecimentos singulares [...]”, é aquilo que define a possibilidade de os enunciados serem efetivados. De forma simplificada, Revel interpreta Foucault, dizendo que o arquivo

[...] representa o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados numa época dada e que continuam a existir através da história (2005, p. 18-19).

Trata-se de um conceito de uma amplitude considerável que abarca outras noções mencionadas neste artigo, como as de enunciado e discurso, e, por isso, “[...] não se pode descrever exhaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época [...]” ou mesmo descrever o nosso próprio arquivo

[...] já que é no interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer [...] seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento (FOUCAULT, 2009a, p. 148).

Os enunciados são, numa única palavra, históricos, encontrando na história suas condições de existência e emergência. Por isso, Foucault entende que eles são produzidos, manipulados, utilizados, transformados, destrutíveis, e que, entrando em uma rede, em que possam circular, sirvam ou não a interesses, sejam objeto de disputa. Enfim, produzam efeitos! Em *O Discurso: estrutura ou acontecimento*, Michel Pêcheux (2008) considera a possibilidade de apreensão do discurso

[...] não apenas como uma materialidade, que une um significante e um significado [...], mas principalmente como uma materialidade significante inoculada de historicidade (BARONAS; AGUIAR, 2009, p. 167).

Pensando o discurso como estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento, Pêcheux não o entende como um

[...] aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas [...] que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

Esse “estruturamento discursivo”, por assim dizer, se dá na instabilidade produzida pelas tensões, pelos conflitos, pelos atravessamentos, o que na visão pecheutiana significa dizer que: “Todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas”, um “trabalho de deslocamento” (PÊCHEUX, 2008, p. 56).

A proposta foucaultiana amplia a perspectiva de análise corrente na AD francesa, pois considera não as condições de produção, mas as condições de emergência, de coexistência e de transformação dos enunciados, por isso a pergunta básica e fundamental que faz é “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar” (FOUCAULT, 2009b, p. 30). Ao formular tal questionamento, buscam-se regularidades enunciativas que delimitam os contornos e fazem emergir um campo de efetivo aparecimento dos enunciados. É o que ocorre, por exemplo, com um enunciado facilmente associado ao discurso

da moda. Encontrado em publicações em geral e, em especial, nas páginas de revistas de modas, “X é o novo preto” é um caso exemplar do funcionamento de um discurso que podemos denominar de discurso da moda.

Como diz Pascolato (2009), o pretinho é o clássico que se transformou em uniforme *fashion*, e, segundo consta, o uso do preto se tornou corrente, para ambos os sexos, no final do século XVI, na corte espanhola, que o teria exportado posteriormente para Holanda, Itália, Inglaterra (LURIE, 1997). O preto é tido como algo simples, mas sofisticado, ou seja, trata-se de um item ou uma cor básica, que faz com que aquele/a que dele faça uso esteja sempre bem vestido/a, já que é algo que não sai de moda. Daí que a expressão “X é o novo preto” remete historicamente/discursivamente a algo que ocupa uma posição privilegiada no universo da moda.

Ao dizer “novo preto”, enuncia-se que a) o preto é, como mencionado, algo que se imiscui com o próprio significado da palavra moda, algo que se encontra *ad eternum* na moda; b) o item em questão – que preenche o lugar X em “X é o novo preto” – passa a figurar ou ocupar lugar de praxe ocupado pelo preto, ele momentaneamente toma seu lugar, alçando-se assim ao topo da moda. Isso remete a um terceiro ponto: c) aquilo que é o novo preto, portanto ocupa um lugar na moda, pode ser entendido também como qualquer coisa que esteja em alta, seja alvo de comentário ou de desejo. Daí

que o enunciado “X é o novo preto” pode ser repetido ou preenchido com qualquer elemento que se encontra em semelhante situação:

- I. “Amarelo é o novo preto em ‘Além do Horizonte’” (VILLALBA, 2014).
- II. “*Fashion 2015*: marsala é o novo preto” (FASHION, 2015).
- III. “50 tons de cinza é o novo preto” (50 TONS, 2012).
- IV. “*Orange is the new black*”.⁵
- V. “Gordo é o novo preto” (GORDO, 2011).

Note-se que, nos exemplos de I a V, há um povoamento de outros enunciados nas margens do enunciado em questão, fazendo aparecer uma certa regularidade, na forma de retomada, quanto ao enunciado “X é o novo preto”, e, por meio de uma apropriação por campos distintos – vale dizer, em diferentes formações discursivas –, ocorre uma atualização (dos sentidos) desse enunciado. No entanto, enquanto em I e II, seu funcionamento se liga ao que podemos denominar *stricto sensu* discurso da moda, em III, IV e V, é tomado de empréstimo deste e posto em funcionamento em universos diferentes. Se, em III, anuncia-se um novo *best-seller* no mercado editorial, em IV, tem-se o título de uma série de televisão americana, na qual a personagem central, uma mulher de classe média alta, é levada à prisão (daí a referência à cor laranja, relacionada aos trajes das penitenciárias americanas) por ter auxiliado sua namorada no tráfico de drogas. Por fim, no exemplo V, nota-se a utilização

do enunciado-base por meio da qual se cruzam transversalmente diferentes planos: a discursividade do campo da moda, da medicina e das questões raciais (FISCHER, 2013). Somando-se a esses exemplos de utilização e (re)atualização do enunciado “X é o novo preto” e tomando por base a discussão proposta, poderíamos (re)afirmar que, no interior dos estudos linguísticos, o “enunciado *is the new black*”.

Esquemáticamente, pode-se dizer que os enunciados, na perspectiva da prática foucaultiana, não são palavras, frases ou proposições, mas

[...] formações que apenas se destacam de seu *corpus* quando os sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras *mudam de natureza*, tomando lugar no “diz-se”, distribuindo-se, dispersando-se na espessura da linguagem (DELEUZE, 2005, p. 29, grifo do autor).

Se é possível identificar um método em Foucault, tal método, partindo de palavras, frases, proposições, organiza-as “[...] num *corpus* determinado, variável conforme o problema colocado”. A particularidade dessa forma de organizar um *corpus* reside no fato de que ela não se dá em função de regularidades linguísticas, nem por conta de qualidades pessoais de um sujeito autor:

[...] as palavras, frases e proposições retidas no *corpus* devem ser escolhidas em torno dos focos difusos de poder (e de resistência) acionados por esse ou aquele problema (DELEUZE, 2005, p. 28).

Considerações finais

Ao abordarmos a temática do discurso como é entendida por Foucault, com vistas a fazê-la funcionar no interior da disciplina AD, deparamo-nos com alguns desafios, tais como o entendimento do discurso como prática, a recusa aos universais e, conseqüentemente, a desnaturalização e/ou a desmitificação dos objetos, o abandono da concepção do sujeito enquanto ser desejante e fundante, a abordagem do discurso como uma expressão verbal/oral/escrita ou uma manifestação que reflete o mundo. Apesar desses obstáculos, ou talvez motivados por eles, podemos afirmar que o referencial foucaultiano é de grande utilidade na medida em que possibilita aos analistas do discurso um alargamento de seu espectro de estudo, bem como evita a procura de algo escondido ou de verdades universais, já que se intenta trabalhar com coisas efetivamente ditas.

Como pudemos verificar – diria mesmo ratificar – por meio do presente trabalho, discurso e enunciado são dois conceitos básicos e fundamentais para o aparato teórico-metodológico foucaultiano. Se há, como alguns acusam, algum tipo de ruptura ou desvio na trajetória do pensador francês, na verdade trata-se mais de variações em torno de um eixo do que abandono de determinados referenciais teóricos, como afirma Castro: “Esses deslocamentos no pensamento de Foucault não são rupturas, mas tor-

sões, movimentos em torno de um eixo” (2014, p. 75). Nesse sentido, entendemos e buscamos reiterar que a temática discursiva/enunciativa mantém-se presente nos diferentes momentos da reflexão do filósofo francês.

A noção foucaultiana de enunciado nos permite tratar de práticas e discursos correntes no cotidiano (como os provenientes do mundo da moda), pois, de certa forma, Foucault pode declarar que “[...] nunca escreveu nada que não fosse real, com o real, pois tudo é real no enunciado, e nele toda realidade se manifesta” (DELEUZE, 2005, p. 29). Nessa perspectiva, convém reafirmar que o enunciado é em si mesmo repetição, embora essa repetição seja de uma “outra coisa”, de um “lado de fora”, que pode “ser-lhe estranhamente semelhante e quase idêntica” (DELEUZE, 2005, p. 25). De acordo com Deleuze (2005, p. 23), esse domínio que o enunciado supõe se trata de um novo domínio, o do poder, enquanto está combinado com o saber. É disso que trataremos em outra oportunidade!

Considerations about Foucault's notions of statement and discourse and their productivity for a discursive analysis of fashion

Abstract

This article attempts a review of a few Michel Foucault's contributions to discourse analysis, considering the notions of discourse and statement and their application in the fashion field. It is an exercise in reflection and theoretical revision on some aspects that permeate the discursive theory, which can subsidize our understanding of this discursive field. Therefore, we approach these concepts in his writings related to his archaeological phase, but we defend the hypothesis that these are concepts that permeate the entire work of the french philosopher.

Keywords: Discourse. Discursive Formations. Fashion. Statement.

Notas

- ¹ Foucault fala em *condições de existência* dos discursos e não em *condições de produção* como é comumente mencionado pela AD francesa.
- ² A ênfase dada, no texto foucaultiano, às relações permite não se ter que recorrer à noção de contexto para explicar certos fatos linguísticos, uma vez que essa noção é suprida pelas possibilidades abertas pelas relações discursivas entre enunciados/discursos. Quanto ao contexto, considera Deleuze, “[...] ele nada explica, porque sua natureza varia conforme a formação discursiva ou a família de enunciados considerados” (2005, p. 22-23), o que pode ser melhor entendido pela noção de domínio associado (ver mais adiante).

- ³ Disponível em: <<http://oqueopovoaousa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- ⁴ Acerca do funcionamento discursivo da moda, ver Paixão (2014).
- ⁵ Nome de uma série de televisão norte-americana.

Referências

50 TONS de cinza é o novo preto. Coluna Entretenimento. Vídeo. *Revista Veja*, 30 nov. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/video/50-tons-de-cinza-e-o-novo-preto/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BARONAS, Roberto Leiser; AGUIAR, Gisele Freitas. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2009.

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.

_____. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FASHION 2015: Marsala é o novo preto! Coluna Estilo. *Revista Guia Show*, 5 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaguia.com.br/fashion-2015-marsala-e-o-novo-preto/>>. Acesso em: 30 de jun. 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-152.

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- _____. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 82-118. (Col. Ditos e escritos II).
- GORDO é o novo preto. *Blog Uol*, 2011. Disponível em: <http://leojaime.blog.uol.com.br/arch2011-03-13_2011-03-19.html>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividades*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004. p. 23-44.
- LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- O QUE o povão usa + Trend Coffee: Crash de Estampas. Disponível em: <<http://oqueopovoausa.blogspot.com.br/2010/09/o-que-o-povao-usa-trend-coffee-crash-de.html>>. Acesso em: 24 set. 2010.
- PAIXÃO, Humberto P. Poder, saber e sujeito no dispositivo da moda. In: FERNANDES JUNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de. (Org.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. Goiânia, GO: Gráfica UFG, 2014. p. 195-220.
- PASCOLATO, Costanza. *Confidencial: segredos de moda, estilo e bem-viver*. São Paulo: Jaboticabal, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 13-18.
- PRADO FILHO, Kleber. Diversidade e Diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. *Revista Interações*, São Paulo, v. XII, n. 22, p. 11-38, 2006.
- REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.
- VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- VILLALBA, Patrícia. Amarelo é o novo preto em 'Além do Horizonte'. Coluna Quanto Drama. *Revista Veja*, 11 fev. 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/eu-vejo-novela/amarelo-e-o-novo-preto-em-alem-do-horizonte/>. Acesso em: 30 jun. 2015.